

**PARA ALÉM DO SENSÍVEL: A CRÔNICA DE ALBERTO COELHO DA CUNHA  
(1853-1939) PARA A HISTÓRIA DA CIDADE DE PELOTAS**

Jéssica Oliveira de Souza<sup>1</sup>

**Resumo**

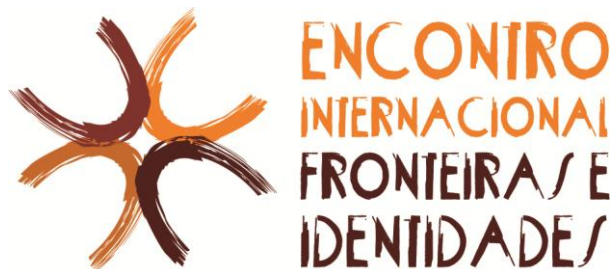
A crônica é um gênero da literatura popularizado no século XX, com o surgimento da imprensa. Sua produção está vinculada aos periódicos, por isso é feita para logo ser consumida, é breve e costumeiramente aborda temas sensíveis ao urbano. A presente comunicação apresentará as crônicas do escritor pelotense Alberto Coelho da Cunha (1853-1939), mais especificamente sua coletânea denominada “Antigualhas de Pelotas”, as quais foram publicadas em dois periódicos, no início do século XX. O objetivo geral é discutir sua utilização como fonte que trata, por excelência, do cotidiano da cidade de Pelotas. Alberto Coelho da Cunha produziu uma gama de textos bastante variada no gênero, escreveu estatísticas, crônicas e contos. A presente pesquisa se desenvolve a partir da análise dos documentos produzidos pelo cronista que se encontram salvaguardados na Bibliotheca Publica Pelotense (BPP) e no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPEL). Inserida num debate importante sobre a fronteira entre a história e a literatura, a pesquisa discute o emprego de uma fonte peculiar no campo histórico, fonte essa que nos permite perceber aspectos do cotidiano urbano, das pessoas comuns, que por vezes passaram anônimas pela historiografia tradicional.

Em virtude de uma acentuada produção da literatura de imprensa, na transição do século XIX para o XX (MAGALHÃES, 1993), pode-se considerar que esta é uma atividade importante na organização da sociedade pelotense do período. É num cenário de mudanças e transformações do urbano, na passagem da cidade movida pelo charque à cidade pautada pelo relógio da industrialização (LONER, 2001), que Alberto Coelho da Cunha (1853-1939) produz um conjunto de crônicas denominado “Antigualhas de Pelotas”, as quais se apresentam como uma rica documentação a ser estudada.

Durante seus 41 anos, como servidor público, Alberto Coelho da Cunha desempenhou importante papel registrando a história da cidade de Pelotas. Grande parte dos textos foi conservada e hoje se encontra no acervo da Bibliotheca Pública Pelotense, compondo o Fundo Documental Alberto Coelho da Cunha. No local, há uma relação da obra de Alberto, elaborada por Henrique Carlos de Moraes, que lista mais de 95 itens por ele produzidos. Foi

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (Bacharelada em História), jeoliveira.souza@hotmail.com



após 15 inspiradores anos da sua vida morando na “Estância Paraizo” que Alberto se dedicou a escrever, como cronista, para colunas de jornal, o cotidiano da Pelotas urbana e rural, que vê acentuarem-se, então, traços e características da industrialização.

A crônica é uma escrita sensível aos fatos cotidianos que se sucedem no cenário da cidade. Pode-se afirmar que ela é, por excelência, o documento que fala do urbano, não como paisagem, mas como cenário ativo na história. No ano de 1997, a historiadora Ana Inez Klein defendeu sua dissertação de mestrado, intitulada “Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise da ‘Antigualhas...’ de Antonio A. P. Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação”, produção que colaborou para o início desse trabalho. Inserido em um contexto de debate da chamada crise da modernidade, o texto nos permite perceber o quanto a historiografia contemporânea, naquele momento, tendia para a história do pequeno, do real, da crônica.

Se em anos findos do século XX a historiografia caminhava ao encontro da narrativa literária, do real e do pequeno. Esses enfoques nem sempre foram familiares e bem-aceitos no panteão historiográfico. José Carlos Reis (2011) se refere à existência da história como uma crise constante:

[...] há cerca de 2500 anos, a história existe em constante e saudável crise. Surgiu nos séculos V/IV aC como “obra escrita em prosa e assinada”, opondo-se ao mito, à lenda, ao poeta. Era um olhar novo, que buscava a verdade das mudanças humanas no tempo. Heródoto acreditava ser possível falar das coisas humanas, temporais, com verdade. Depois, a história se confundiu com a mitologia política, o historiador “investigava e pesquisava” para legitimar o poder romano. Depois, a história fundiu-se com a fé cristã, tornando-se o levantamento dos casos em que a Vontade de Deus se expressou. No século XVIII, apesar da busca da “história perfeita” dos séculos XVI/XVII, deixou-se dominar pela especulação filosófica e tornou-se uma metanarrativa especulativa, teleológica, utópica. No século XIX, quis outra vez romper com a intuição poética, com a retórica política, com a inspiração artística, com a fé, com a especulação filosófica, e inventou uma nova identidade, “ciência”, rendendo-se ao sucesso das ciências naturais, buscando fatos concretos, documentos, e procurando estabelecer impossíveis leis de desenvolvimento histórico. Nos séculos XIX e XX, a história deixou-se fascinar por Marx, Weber, Durkheim, e pretendeu tornar-se uma ciência social. No início do século XXI, essa identidade não a satisfaz plenamente e ela volta a se relacionar mais intimamente com a literatura, com a poesia, a psicanálise, o cinema, a publicidade, enfim, retorna a Homero. (REIS, 2011, p.11)

Relacionando o percurso da historiografia realizado pelo autor e a utilização da crônica na construção da escrita histórica contemporânea, se torna importante destacar debates ocorridos do final do século XX e agora, no início do século XXI, acerca dessa



perspectiva.

A Escola metódica do século XIX se empenhou em tornar a história uma ciência, projetando assim uma necessidade de método para a disciplina que pretendia distanciá-la dos relatos orais e da própria narrativa literária. Este processo de cientificação da História acabou por ‘engessar’ a noção de fontes históricas e a reger seu uso de maneira que o historiador só podia se utilizar de fontes oficiais, ou seja, documentos escritos e oficializados em algum órgão expeditório, na busca constante de garantir a verdade objetiva e absoluta (PINSKY, 2005).

A criação da revista “Annales d'Histoire Economique et Sociale”, na França, em 1929, mudará os rumos da escrita historiográfica. Clio sentir-se-á abraçada pelo novo: a Escola dos Anais, essa vertente provinda da criação do periódico, é fruto do movimento criado por Marc Bloch e Lucien Febvre. A mesma tem como crítica principal a velha história, a história dos relatos, baseada nos documentos oficiais.

O historiador chamado ‘positivista’ tratava de selecionar documentos verdadeiros, analisá-los, pondo à prova sua veracidade interna e externa. A Escola Metódica primava pela objetividade, a construção da narrativa era descritiva e factual, “vista de cima”, uma história protagonizada pelos “grandes homens”. Nesse contexto, não se encontrava espaço para utilização de fontes que tratavam das pessoas comuns e com carácter literário. A norma do documento/registro com certidão de oficialidade prevalecia.

Com a atuação dos historiadores da Escola dos Anais, a História torna-se mais próxima do cotidiano, das pessoas comuns, do indivíduo anônimo e de sua trajetória de vida que se insere no contexto histórico, a partir de suas relações. O relato do fato agora não é a única preocupação dos historiadores, pois a Escola dos Anais, a partir de sua ‘história problema’, propôs que tanto o fato quanto a fonte são uma construção do historiador e, portanto, ambos são do seu domínio, não havendo uma fonte oficial e única para construção de sua escrita (REIS, 2011). A vida dos sujeitos passa a ser um dos objetos centrais da historiografia, assim como sua presença, seus gostos, suas atividades. Esta perspectiva revolucionou a definição e o trato com as fontes.

Apesar de proporcionar um cenário de abertura e de revolucionar o trato com as fontes e a atuação do historiador em seu trabalho, a Escola dos Anais combateu a utilização da crônica na construção histórica, ao realizar o seu combate ao empirismo (KLEIN, 1997). A



autora coloca:

[...] a historiografia da modernidade de um modo geral acabou por não deixar de lado aspectos importantes da vida social que estão ligados aos sujeitos e suas manifestações particulares. Mas a modernidade não gerou em termos científicos, as ferramentas necessárias ao historiador para trabalhar com estas questões, ainda que ele tenha reconhecido a sua importância ou até a sua presença intersticial. (KLEIN, 1997, p. 59)

Klein ainda faz uma ressalva importante sobre a posição da Escola Metódica:

[...] justamente a historiografia positivista, a primeira a se preocupar em fazer da história ciência, será chamada de uma história crônica. Ocorre que, mesmo expurgando a retórica das crônicas medievais, a historiografia positivista acabou assumindo uma característica que é fundamental para se definir a crônica, que é o fato de ser ela uma via para a produção da narrativa de fatos. (KLEIN, 1997, p. 59)

É no fim do século XX, com o chamado ‘giro linguístico das Ciências Sociais’<sup>2</sup> e com o aprofundamento dos questionamentos sobre a veracidade e a subjetividade da escrita histórica, que se radicalizou a utilização de novas fontes na chamada “Nova História”<sup>3</sup>.

A obra “Fontes Históricas”, organizada pela historiadora Carla Bassanezi Pinsky (2005), que trata de “fontes propriamente ditas e, conseqüentemente, dos métodos e das técnicas utilizados pelos pesquisadores em seu contato com os documentos, os vestígios e os testemunhos do passado humano” (p.7), mostra como a historiografia brasileira apresenta outra perspectiva na crise da modernidade.

O livro, elaborado com a contribuição de mais oito autores, apresenta a discussão de seis fontes inseridas na escrita contemporânea, sendo elas: documentais (dos arquivos), arqueológicas, impressas, orais, biográficas e audiovisuais. É nas fontes impressas que se encontra a crônica. O referido gênero literário é uma fonte utilizada como tal, agora na contemporaneidade.

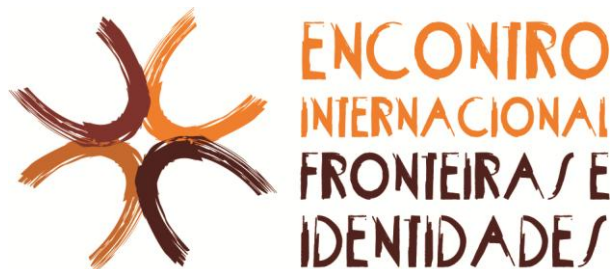
É da renovação da preocupação com o cotidiano na historiografia que resulta o registro dos fatos pequenos, muitas vezes banais, do dia a dia, do sujeito anônimo. Sandra Pesavento se refere à crônica como:

[...] capacidade de registro do cotidiano e das sensibilidades, o que a tornaria, por assim

---

2 Influenciado pela obra do filósofo Wittgenstein, pela fenomenologia de Alfred Shutz e pela hermenêutica de Gadamer, o giro linguístico das ciências sociais resultou, entre outras ideias, da consideração de que a reformulação da teoria crítica da sociedade deve operar-se a partir da linguagem, ou seja, que a linguagem, ou no caso, a escrita da história, por si só, não é neutra.

3 Utiliza-se aqui a definição de Burke, sendo a Nova História a última geração da Escola dos Anais (BURKE, 1991)



dizer, uma fonte muito rica e especial para o historiador, sobretudo se este estiver interessado em acessar as formas pelas quais os homens, em um outro tempo, construíam representações sobre si próprios e o mundo. (PESAVENTO, 2004, p. 63)

Portanto, a crônica é uma fonte que se legitima como tal na historiografia contemporânea, ainda que em muitos trabalhos ela seja utilizada para analisar eventos do passado. É dentro da 'Nova História', com sua ênfase à história do urbano, suas sensibilidades, subjetividades e construções de análise de imaginários simbólicos, que a crônica ganha relevância.

Klein, ainda em sua dissertação, cita o fragmento de um texto de Antonio Candido<sup>4</sup> para situar as particularidades dessa fonte:

Quando Antonio Candido diz que a crônica “está perto de nós” ele refere-se a uma das características principais da crônica, que é tratar de assuntos que dizem respeito à vida cotidiana, à subjetividade, ao pequeno, às pessoas comuns. “Graças a Deus” é como dizemos quando estamos sentados à mesa com os amigos em uma hora de total descontração falando de tudo o que vem à mente, sem barreiras formais. Estas pequenas coisas que formam um todo que compõe a vida das pessoas estão reveladas nas crônicas. (KLEIN, 1997, 95)

Essas características da crônica estão presentes em suas diversas tipologias, pois a sua forma de narrativa e a sua estrutura variaram conforme o local e a temporalidade em que ela foi produzida, havendo muitos textos que podem ser chamados de crônica. Este trabalho trata da crônica que se popularizou no Brasil a partir do século XX, com o surgimento dos jornais, um gênero consolidado entre os escritores tanto na área do jornalismo, como na literatura. Sandra Pesavento destaca ser esta crônica herdeira do folhetim do século XIX:

Herdeira do folhetim, a crônica encontrou, no século XIX, veículo de difusão nos jornais, naquele momento em que a sociedade burguesa impunha ao mundo o ritmo do progresso e a busca incessante do novo. O desenvolvimento dos meios de comunicação e a velocidade da notícia imprimiam à vida urbana um padrão de consumo rápido das informações. Neste sentido se impõem a crônica nascida da aceleração da vida e da fetichização do mundo, o que faz da notícia uma mercadoria impiamente descartável. (PESAVENTO, 1997, p.30)

---

4 Citação de Cândido analisada pela autora: “A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. [...] ‘Graças a Deus, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós.’” (CANDIDO *apud* KLEIN, 1997)





Nesse contexto, três peculiaridades se destacam na crônica brasileira que valem ser ressaltadas e que justificam sua utilização como uma fonte da história:

1. É uma expressão literária, portanto é um texto narrativo que imprime de forma peculiar a singularidade de quem a escreve e sua subjetividade e sensibilidade.
2. Trata-se de um texto curto, de fácil consumo, produzido para logo ser publicado. O objetivo dessa fonte é atingir o público leitor nas feições do seu dia a dia. Neste sentido a crônica é um produto moderno, por estar ligada ao jornal retrata a necessidade do instantâneo, do imediato, não havendo tempo para análises mais aprofundadas e conteúdos de grande complexidade, embora a partir dela possa se fazer.
3. Por último, é um texto urbano. A crônica retrata o cotidiano da cidade, registrando de forma peculiar os traços geográficos, culturais, sociais e econômicos que passam invisíveis, por vezes, em grandes obras.

É a partir dessas singularidades que se define a crônica de Alberto Coelho da Cunha, sendo uma crônica brasileira. Ela registra as sensibilidades do urbano de Pelotas, que passa por um momento de transformação em seu sistema econômico ao deixar de ter uma base charqueadora e passa a ter uma forte presença industrial (LONER, 2001).

Muitas são as representações culturais, sociais e econômicas que se encontram submersas nas “Antigualhas” de Alberto. As suas crônicas, portanto, são um veículo para se compreender a cidade.

Hoje seus escritos recompõem experiências passadas que são importantes para os historiadores contemporâneos (PESAVENTO, 2007):

[...] para a recuperação de uma cidade há que ter em conta, ainda, essas narrativas de fronteira entre o documental e a ficção que são as crônicas de jornal que falam do urbano, ou os discursos de memórias que recompõem no tempo presente reminiscências e experiências passadas, contando as cidades do passado que as cidades de hoje encerram. (p.19)

Alberto escreveu durante toda a sua vida e não se deteve as crônicas. Também elaborou relatórios e produziu contos, dos quais se utilizam muitos historiadores da cidade de



Pelotas. Podem-se citar aqui quatro trabalhos que recorreram aos escritos de Alberto para abordar temas que tangem o cenário urbano pelotense. São eles “Trabalho e Cadeia: A Casa Correcional de Pelotas (1832-1857)” de Caiuá Cardoso Al-Alam; “Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870-1880” de Beatriz Ana Loner; “Notas sobre a saúde e a doença em processos trabalhistas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil” de Lorena Almeida Gill e “Trabalhadores, Maçonaria e Espiritismo em Pelotas: 1877-1937” de Marcelo Gill.

Além das pesquisas citadas acima, o historiador Eduardo Arriada utilizou os escritos de Alberto como fonte para aprofundar a história da educação no município de Pelotas.

Em todos estes os trabalhos é possível perceber a importância da produção escrita de Alberto Coelho da Cunha para descrever e situar o contexto da cidade de Pelotas, seja para tratar de temas clássicos da historiografia, como a escravidão, ou de outros, como as doenças, a repressão policial, o surgimento de casas espíritas, enfim recuperar questões do cotidiano urbano.

Alberto, como cronista, mantinha sua coluna alimentada pelos fatos banais, pelo registro do novo que ocorria na cidade, pela dor ou pelo festejo da vida urbana. Elaborava a sua escrita a partir da vida real, os assuntos que aborda são aqueles que chamavam a atenção ou preocupavam os homens de sua época. Em uma escrita leve, o escritor de crônicas, retrata a vida no hoje, tece fios, recupera redes, articula experiências, chega próximo de “pessoas sem importância” e as registra no tempo, na sociedade. O seu texto é, portanto, uma leitura do cotidiano urbano em que está inserido.

### **Referências Bibliográficas**

ARRIADA, Eduardo; SANTOS, Rita de Cássia Grecco . Lembranças de um homem simples: as memórias de Alberto Coelho da Cunha. In: *13º Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação*, 2007, Porto Alegre. Guardar para Mirar: acervos e história da educação. Porto Alegre: UFRGS, 2007. v. 01. p. 01-15.

ARRIADA, Eduardo. Alberto Coelho da Cunha: um resgate histórico. *Diário Popular*, Pelotas, p. 12 - 12, 27 ago. 1993.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

CHARTIER, Roger. ‘O mundo como representação’. *Estudos Avançados*. Universidade de São Paulo, 5 (11), 173-91, jan./abr. 1991.



FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p.61-91.

LONER, Beatriz Ana. *Construção de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande “1888-1930”*. Pelotas: Editora Universitária, 2001

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório (Org.). *Dicionário de história de Pelotas*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.

KLEIN, Ana Inez. *Crônica e história: a trajetória de seus encontros e desencontros e a análise da "Antigualhas..." de Antonio A. P. Coruja à luz de reflexões atuais sobre esta relação*. Porto Alegre: 1997 (dis.)

KLEIN, Ana Inez. Crônica, história e cotidiano. In: GANDRA, Edgar; POSSAMAI, Paulo César (Org.). *Estudos de história do cotidiano*. Pelotas: Editora da UFPel, 2011. p. 229-240

MAGALHÃES, Mário Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 3. ed. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1999

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul um estudo sobre a história de Pelotas (1860 – 1890)*. Pelotas: Ed.UFPEL :1993.

PESAVENTO, S. J. . Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Fragments de Cultura* (Goiânia), v. 14, n.9, p. 1595-1604, 2004.

PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.27, n.53, jan-jun.

PESAVENTO, S. J. . Crônica: A Leitura Sensível do Tempo. *REVISTA ANOS 90*, Porto Alegre, v. 7, p. 29-37, 1997.

PESAVENTO, S. J. . Crônica: fronteiras da narrativa histórica. *História Unisinos*, São Leopoldo, v. 8, n.10, p. 61-80, 2004.

PESAVENTO, Sandra. *Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000

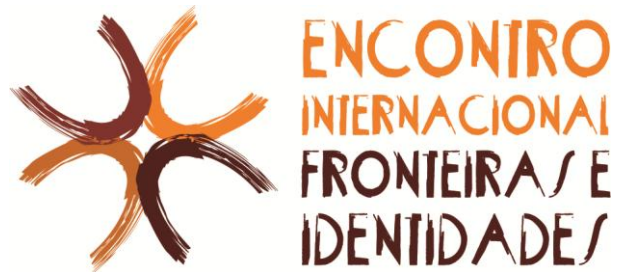
PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, 302p

## SITES CONSULTADOS

### Brasiliiana Eletrônica:





Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/silvajardim/pagina/65/texto>. Acessado em: 28 de junho de 2014, às 11h30min.

**Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas:**

Disponível em: [http://www.ihgpel.org/blog/?page\\_id=205](http://www.ihgpel.org/blog/?page_id=205). Acessado em: 29 de junho de 2014, às 19h.